



ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

O CÍRCULO PSICO-ORGÂNICO COMO REFERÊNCIA PARA DIAGNÓSTICOS

Maria Roggia

Resumo

O Círculo Psico-Orgânico é um modelo teórico-prático e uma das estruturas de apoio da Análise Psico-Orgânica. Baseia-se no movimento energético (fluxo/defluxo) e integra os aspectos orgânicos, psicológicos e energéticos da pessoa. Contem nove pontos que representam as diferentes etapas e as ações necessárias à estruturação psíquica (aspecto intrapsíquico), e também a dimensão relacional (aspecto interpsíquico). Este modelo tem uma estrutura dinâmica e um pensamento circular que é dinamizado pela interação entre as partes, o que possibilita a leitura simultânea nos diferentes níveis favorecendo tanto a elaboração de um diagnóstico dinâmico quanto o encontro de direções de trabalho, e ainda, a análise da dinâmica transferencial da relação terapêutica.

Palavras-chaves: Circulação; Círculo; Diagnóstico; Psico-orgânico; Transferência

A proposta deste artigo é apresentar o Círculo Psico-Orgânico, uma das estruturas de apoio da Análise Psico-Orgânica, dando enfoque à sua dinâmica e suas possibilidades enquanto referência tanto para compreender a problemática de uma demanda e fazer o diagnóstico dinâmico do paciente, no campo das neuroses, como também para abrir direções ao trabalho terapêutico juntamente com a análise da dinâmica transferencial.

Para contextualizar a Análise Psico-Orgânica, é uma abordagem que se define como psicoterapia analítica com mediação corporal por integrar na sua teoria e na sua prática a experiência das terapias psico-corporais e da psicanálise. Criada na década de setenta por Paul Boyesen, está inserida no cenário das psicoterapias contemporâneas e é herdeira de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Wilhelm Reich e particularmente do legado de Gerda Boyesen. “A Análise Psico-Orgânica não dá somente importância ao sentido da experiência e à sensação da experiência, mas ao verbo que as liga” Boyesen (1994, p. 11). No encontro terapêutico a atenção é voltada ao movimento da energia no corpo, à produção de imagens, e também à escuta da palavra, ao verbo que liga os diferentes níveis, como enunciado por Boyesen, (1996, p. 28): “O verbo é portador de sentido e significação”.

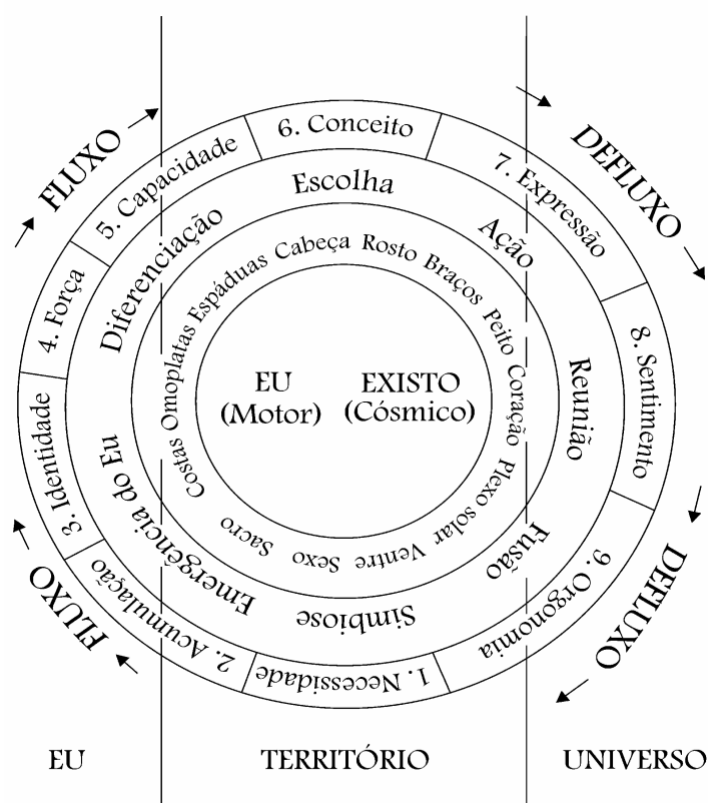
O desenho do círculo, amplamente utilizado pela tradição oriental como representação da totalidade, e por C.G. Jung como representação simbólica da psique,

ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

mantém, para Paul Boyesen, o princípio da unificação, pois propicia a integração da experiência energética do trabalho orgânico - corpo das sensações -, com a linguagem verbal na significação da experiência sensorial conforme expresso por Boadella (1997, p. 31): “[...] seu trabalho busca reintegrar a linguagem vegetativa do corpo aos padrões comportamentais da expressão, com a riqueza simbólica da linguagem”.

De acordo com Boyesen (2007, p.11): “Os fundamentos do Círculo Psico-Orgânico baseiam-se nos princípios do “Eu existo” rumo ao “Nós existimos”, simultaneamente na dimensão intrapsíquica e na inter-relacional”; o modelo do Círculo foi então elaborado para representar o homem de uma forma integrada. Fundado na respiração (inspiração/expiração) e baseado na circulação energética, é dinamizado pelo movimento contínuo, em espiral, onde cada ciclo finalizado dá início a um novo movimento num processo evolutivo. Os nove pontos nele inscritos – Necessidade, Acumulação, Identidade, Força, Capacidade, Conceito, Expressão, Sentimento e Orgonomia - são interdependentes e representam estágios de igual importância no processo de desenvolvimento e estruturação psíquica.

O CÍRCULO PSICO-ORGÂNICO





ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Do indiferenciado, lugar do eros no ponto 1, ao ponto 6, “a energia se concentra separando-se do objeto de amor; a pessoa constrói sua identidade, apoiada pelo desejo, mas diferenciando-se” Besson e Brault (1994, p. 66). Em seguida o movimento segue em direção ao mundo e ao encontro do novo objeto de amor, e por fim a união com o cosmos.

O Círculo Psico-Orgânico tanto pode representar uma única respiração, como uma vida inteira com suas complexidades, da concepção até a morte. Por isso cada ponto será sinteticamente descrito para melhor compreender a utilização desta estrutura na elaboração de um diagnóstico dinâmico, bem como para analisar a dinâmica transferencial numa relação de posições assimétricas indispensáveis à ação terapêutica.

1. Necessidade – Fase do indiferenciado, da simbiose, da dependência total; consciência das necessidades, aceitação da fragilidade, do vazio e da falta. Fase oral, tempo de receber nutrição, acolhimento e segurança, onde a comunicação se dá pela linguagem do corpo. É o espaço propício para regressões reparadoras e asseguradoras como possibilidade de restauração dos vínculos através da atitude sensível e da qualidade de presença do psicoterapeuta na transferência positiva. Na Análise Psico-Orgânica, segundo Boyesen (2004, p. 312): “o trabalho com a regressão permite reinstalar a ligação consigo mesmo através da ligação com o outro”. Esse reconhecimento também é confirmado por Winnicott (1988, p. 163): “A regressão tem uma qualidade curativa, pois é possível reformular experiências precoces através da regressão, havendo algo de verdadeiramente repousante quando se experimenta e se reconhece a dependência”.

2. Acumulação - Início do processo de separação e diferenciação, construção dos limites constitutivos do envelope corporal e psíquico para conter a energia recebida. Corresponde à fase anal, do controle, das trocas e das problemáticas do acúmulo em excesso e/ou dificuldades de reter, como na bulimia, e também na histeria, onde prevalece o movimento centrífugo da energia, a dispersão, conforme Reich (1995, p. 199): “[...] o histérico é sobrecarregado com uma tensão sexual *não-absorvida*”. Para lidar com tais conteúdos, as qualidades mobilizadas no psicoterapeuta, pela transferência são: a percepção dos próprios limites e a mobilidade interna para conter e abrir espaço

ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

tornando-se apoio para sustentar a saída da fusão, e também continente até que o paciente aprenda a conter sua própria energia, suas emoções e sensações.

3. Identidade – Apropriação da energia acumulada, emergência do eu, afirmação através do brincar, do lúdico e do prazer nas descobertas e na exploração do território; início da fase genital, da construção narcísica, do reforço do ego e da necessidade de limites claros e firmes, fundamentais ao processo de estruturação.

A individualidade e o *self* dependem de fronteiras e limites aceitos. Tais fronteiras asseguram a fixação de sentimentos para que o ego não seja inundado, submerso, perdido. As fronteiras seguras levam a um senso seguro do *self*, o qual pode basear sua identidade em sentimentos (LOWEN, 1993, p. 190).

A identidade é também orgânica e está ligada ao prazer de existir e de se afirmar diante dos outros, mas quando fixada no *self* ideal, na imagem do que deveria ser, dá origem aos distúrbios narcisistas, caracterizados pela falta de contato com as sensações e os sentimentos do corpo. Para lidar com a transferência neste ponto, a flexibilidade interna se adapta ao deslocamento da energia que nesta etapa se expressa numa atividade criativa, ainda sem uma finalidade objetiva.

4. Força – A energia apropriada na fase anterior é agora canalizada. É a fase da afirmação pela força direcionada a um objetivo, sendo necessário um limite para, em oposição, poder se diferenciar. Segundo Fraisse (2007, p. 66): “é o valor da força aos nossos próprios olhos e seu reconhecimento no olhar do outro, sobretudo do pai”. A entrada da figura paterna tem como função nomear e transmitir a lei, que pode ser protetora e portadora de sentido, ou castradora, inibidora da força criativa que busca a afirmação do desejo e do querer, podendo levar à resignação e a um contrato de impossibilidade e impotência diante da vida. Na transferência positiva e/ou negativa, o psicoterapeuta pode encontrar o justo lugar mantendo a presença estruturante numa relação de apoio e sustentação.

5. Capacidade – A energia antes focalizada entra agora num espaço de liberdade, de criatividade e de independência. O acesso à fertilidade do mundo simbólico se dá pela abertura do imaginário que mobiliza a energia potencial numa projeção para o futuro. Neste espaço de possibilidades, no nível consciente se dá a elaboração e a análise, e no nível inconsciente, o diálogo com as imagens e os sonhos. A atitude do psicoterapeuta se traduz em escuta e acolhimento do mundo simbólico, cabendo-lhe a vigilância para que a



ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

pessoa não fique submersa no inconsciente, ou refugiada no imaginário, ou presa nas ponderações.

6. Conceito – Este é o ponto das passagens: da inspiração, fluxo, carga, para a expiração, defluxo, descarga; do mundo subjetivo para o mundo objetivo; do espaço intrapsíquico para o inter-relacional; do eu para o mundo; do desejo para a realização. É o lugar obrigatório da escolha consciente e do luto da onipotência. O pensamento, a palavra, o questionamento, a busca do sentido e as decisões conscientes têm lugar neste ponto que abriga também a confusão e a ambivalência diante das escolhas, pois escolher implica em renúncia e perda. Muitos bloqueios podem impedir a circulação nesta passagem, e diante de uma escolha por demais difícil pode haver o recuo e o refúgio no imaginário, no ponto anterior, ou o retorno para o ponto 1, na fusão da dependência. O psicoterapeuta, ancorado em sua ética, se disponibiliza na escuta apoiando e respeitando a liberdade do seu paciente.

7. Expressão – Fase da realização do desejo, da escolha, do encontro e do diálogo com a matéria para dar-lhe forma e colocar em ação, na vida, o projeto concebido e amadurecido. É a experiência do fazer, do ‘como’ fazer, como realizar no aqui e agora na comunicação com o outro, na aceitação das diferenças e da interdependência. O trabalho assim pode representar realização, autonomia, liberdade, criação. Entretanto, contratos inconscientes de menos-valia, de não-mercimento, de medo do julgamento e outros, podem boicotar o prazer do sucesso e reduzir a experiência em obrigação, ou até mesmo em punição. Aceitar o luto da perfeição é também se libertar do medo da crítica e do insucesso que impedem a ação criativa, a autonomia e a coexistência. A atitude terapêutica se traduz no posicionamento enquanto testemunha da ação.

8. Sentimento – O movimento de defluxo, de descarga representa abertura, dilatação. É a abertura do coração, a apreciação da obra, o sentimento ligado à qualidade do realizado, o sentimento de adequação de uma pessoa com sua ação. Na relação o ‘eu’ dá lugar ao ‘nós’, uma aceitação da perda da identidade na fusão, o que supõe a capacidade de se abandonar e também de se sustentar, voltar a ser ‘eu’. O grande tema nesta etapa são as estratégias utilizadas como proteção contra o sentir. A perda do contato com os sentimentos pode se tornar uma blindagem que impede a ligação e a aceitação da existência do outro, ou uma anestesia que impossibilita a vivência de quaisquer emoções. Tanto o fechamento do coração quanto a vulnerabilidade excessiva



ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

estão em geral associados à experiências primárias ligadas à dificuldade de afirmação da identidade, da diferenciação, e ao medo de fundir-se, perder-se no outro. O psicoterapeuta se apóia em seus próprios sentimentos para acolher e discernir os matizes da transferência.

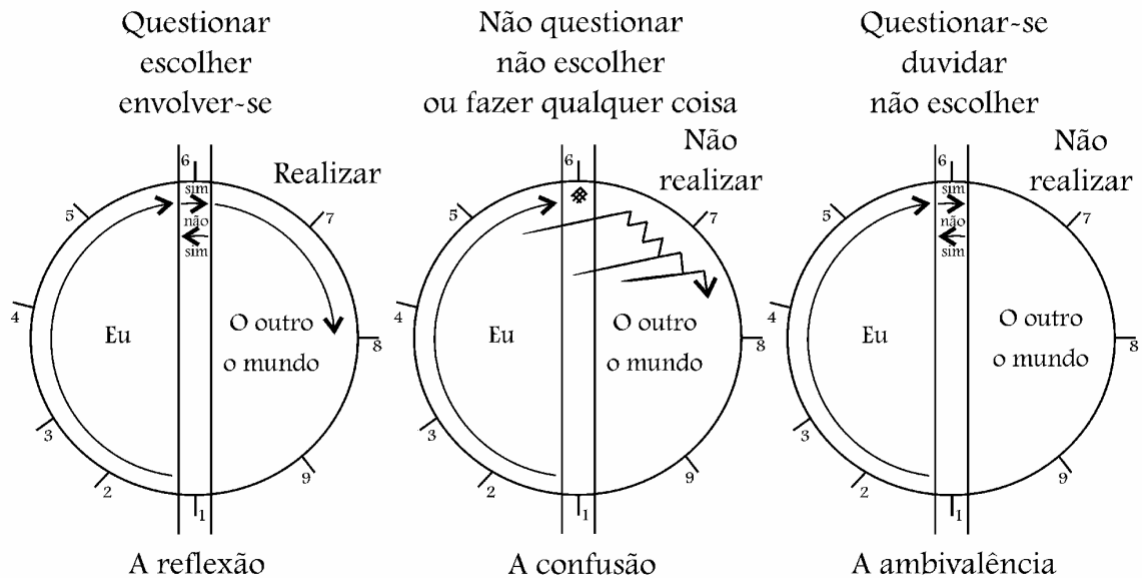
9. Orgonomia – Este ponto representa o final de um ciclo que iniciou no ponto 1, com o movimento ascendente deslocando-se pelas costas até o alto da cabeça, no ponto 6, para descender pela frente do corpo, pelo rosto, abrindo-se no peito e irradiando-se finalmente no plexo solar, no ponto 9. Nesta etapa final do círculo a atitude é de receptividade, diferente da passividade. É o momento da obtenção, o tempo do repouso necessário para poder se apropriar, usufruir, saborear o sucesso conquistado. Neste ponto já não existe transferência; segundo Fraise (2007, p.134) “(...) a relação fica abolida – não há mais relação, apenas estado, comunhão com o cosmo, participação do universo”.

A experiência deste estado orgonômico não necessariamente sinaliza o final de um processo psicoterapêutico, mas pode marcar o final de um ciclo antes do recomeço de um novo círculo fundado em uma nova e imperativa necessidade (ponto 1), sempre mais urgente pelo fato de a vida nos obrigar a queimar etapas e abortar a avaliação de nossa vivência através do sentir (ponto 8), e do contentamento pela finalização (ponto 9).

Esta sintética descrição do Círculo revela a riqueza e a complexidade das conexões e ligações nele contidas evidenciando que, para traçar o diagnóstico dinâmico é essencial observar como a pessoa circula por todos os pontos, como vive cada etapa, como se dá o fluxo e o defluxo; se há impedimentos, fixações, precipitações, pontos de refúgio, onde o movimento reflui causando estagnação em pontos específicos ou desequilíbrio no movimento global. Focar apenas um ponto não tem nenhum sentido podendo resultar em equívocos. Uma pessoa de grande capacidade imaginária no ponto 5, há que relacionar seu funcionamento com o ponto 6, das decisões, das escolhas e da ambivalência.

ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

Três estágios da circulação de energia no ponto 6 do círculo: o conceito



Anne Fraisse: Manual de Ensino da EFAPO

Existem ainda polaridades importantes, por exemplo, o ponto 6, lugar da lei, da estrutura, da palavra que nomeia, em oposição ao ponto 1, lugar do indiferenciado, do eros, do silêncio, na verticalidade; e também a identidade, no ponto 3, em polaridade horizontal com o sentimento, no ponto 8, na dimensão inter-relacional, onde jogos de poder e submissão alimentam muitas dinâmicas. Na relação terapêutica emergem as questões sobre distância e proximidade, dependência e independência, capacidade de entrega mantendo a identidade.

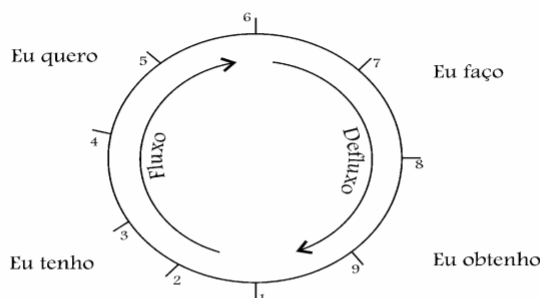
Na Análise Psico-Orgânica as estruturas de caráter são analisadas, no Círculo, pela caractereologia analítica e dinâmica desenvolvida por Paul Boyesen, que define quatro momentos da dinâmica relacional no modelo circular: eu preciso - eu quero - eu faço - eu obtenho, partindo da pulsão primária da necessidade, até a obtenção de uma satisfação. Para Boyesen (2004, p. 302) “a originalidade da caractereologia psico-orgânica é de integrar à seus critérios psicológicos e relacionais, os critérios fisiológicos das manifestações orgânicas da linguagem do corpo, expressões das relações arcaicas inconscientes”.

Os gráficos a seguir representam o funcionamento de base na formação das diversas caractereologias.

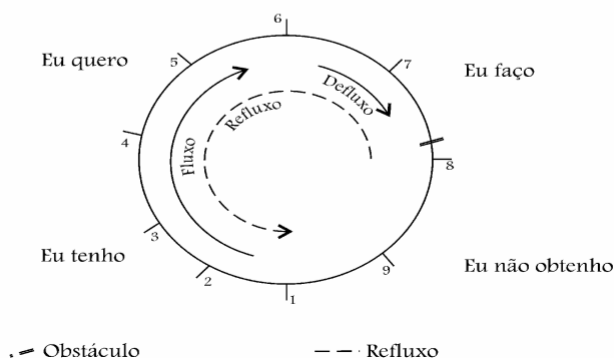
ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. *Anais*. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

QUATRO ESTÁGIOS DE CIRCULAÇÃO NO CÍRCULO PSICO-ORGÂNICO

A. Circulação fluida no círculo: eu obtenho



B. Circulação que se bloqueia: eu não obtenho



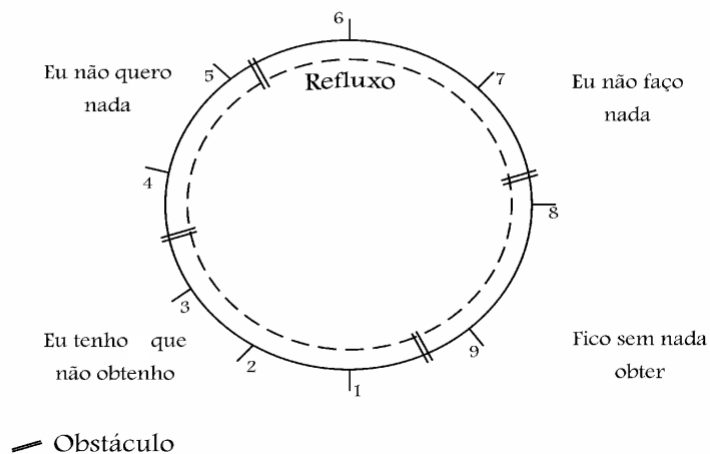
Anne Fraise – Manual de Ensino da EFAPO

A título de ilustração descrevemos algumas dinâmicas: a estrutura rígida, por exemplo, transita entre os pontos 2 e 7 do Círculo; acumula muito, tem força e capacidade, realiza enormemente, mas não consegue tempo para sentir (ponto 8) nem para usufruir (ponto 9), e se precipita em nova ação sem fazer contato com suas necessidades profundas (ponto 1). Então, o rígido é potente, faz muito, mas sente pouco; e o depressivo, ao contrário, sente imensamente e fica na fusão crônica da dependência, na necessidade (ponto 1). Ele pode ter alguma identidade (ponto 3), mas tem muitas dificuldades no ponto 4, não se apropria de sua força para prosseguir e fazer suas escolhas e então sua energia entra no refluxo e ele retorna para a necessidade (ponto 1), ou acaba por se perder no outro ao se fundar, por exemplo, na relação amorosa (eixo 3 e 8), pois para o depressivo, o outro é sempre muito potente, enquanto ele se vive como menos, ou como nada. Assim como o rígido, a histérica também evita ter consciência de suas necessidades profundas (ponto 1), tem pouco contato com o que sente (ponto 8), e

ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

se esquia da orgonomia (ponto 9), evita obter, pois sua estratégia inconsciente é ficar com o desejo insatisfeito.

Para Boyesen (2004, p. 324) “a falta pode se tornar a estruturação da pessoa numa caractereologia, mesmo até o ponto onde a falta se torna o objeto (o objetivo)”. Como exemplo, o círculo infernal da depressão, onde tudo o que a pessoa tem é que ela não obtém, perdendo paulatinamente seu desejo, sua ação e por conseqüência a obtenção, mantendo-se refém de uma circulação coagulada de refluxo contínuo.



Anne Fraisse, Manual da EFAPO

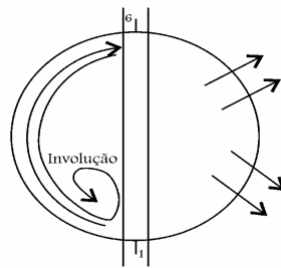
O que é fundamental considerar nas diferentes problemáticas, é que tudo começa no ponto 1, na necessidade. Para Brault (1994, p. 111): “[...] aceitar sentir sua energia primária não é sem risco, porque é ao mesmo tempo reencontrar a experiência da falta”, sobretudo, na concepção de Boyesen (2004), a falta de *segurança existencial*, onde as experiências da pessoa são invadidas pela angústia, e a falta de *segurança de ligação*, tão crucial nas estruturas limítrofes cuja estruturação se baseia sobre as rupturas, clivagens e isolamentos.

Na estrutura do Círculo Psico-Orgânico as correspondências e polaridades entre os pontos são particularmente considerados na avaliação diagnóstica. As polaridades geralmente evidenciam problemáticas de excesso ou de falta em seu funcionamento, mas a que existe entre o ponto 6, lugar da lei e da estrutura, em oposição aos pontos 9 e 1, lugar da fusão e do indiferenciado, marca o grande eixo vertical que contém as passagens

ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

fundamentais e decisivas, e também a falha. Existe sempre uma fascinação no indiferenciado que fica entre os pontos 9 e 1, entre o final de uma expiração e início de nova inspiração, e também o desafio ante a decisão de aceitar a forma, a encarnação, a experiência humana, na primeira passagem, e a saída da simbiose para a diferenciação na segunda passagem (ponto 6), das escolhas conscientes.

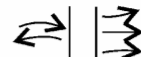
No modelo do Círculo a falha contém sempre o risco do desconhecido, e nesta representação, relativa à passagem para o ponto 1, encontramos a fertilidade desse espaço, o potencial para atravessá-la e entrar na circulação, e também as problemáticas mais extremas, como as psicoses quando a falha se torna patológica.



A falha do silêncio, do vazio que permite a emergência da consciência



A falha e a circulação que permitem uma escolha consciente e uma comunicação entre o “Eu” e o “Mundo”, entre o eu e o outro



A falha sem possibilidade de circulação que é então um corte, uma cisão, um sofrimento que provoca somatizações e patologias diversas

Anne Fraisse: Manual de Ensino da EFAPO

Para a Análise Psico-Orgânica, este ponto é também o da falta, e contatar esse lugar essencial é se apropriar das necessidades fundamentais, e restaurar a experiência básica de simplesmente existir, e de construir vínculos afetivos que possam assegurar o reconhecimento indispensável à segurança de identidade. Segundo Boyesen (2004, p. 323): “A falta é estruturante no sentido que ela deixa um espaço... à preencher”. Preencher de nós mesmos, pois é a falta que acorda o desejo.

Pelo exposto neste artigo, e seguindo a coerência do corpo teórico da Análise Psico-Orgânica, podemos perceber que o Círculo abre inúmeras possibilidades de leitura, mas sempre em ligação com a profundidade, pois segue de perto a respiração e o movimento cíclico dos diferentes pontos que interagem e incidem uns sobre os outros



ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

favorecendo a vivência de diferentes etapas em níveis sobrepostos. Com isso os sentimentos antigos e profundos ocultos na espiral podem emergir e se atualizar. O Círculo também nos oferece a possibilidade importante de resgatar o movimento que por inúmeras razões ficou bloqueado, retido, encapsulando também a energia primária, a espontaneidade, o gesto criativo, o élan inconsciente ligado ao princípio do prazer e da vida.

Concluimos ser o Círculo Psico-Orgânico uma estrutura adequada para a formulação do diagnóstico e análise do processo porque, desde o primeiro contato até o final de um percurso, o psicoterapeuta, já tendo passado pela prova de si mesmo, coloca seu Círculo em diálogo com o do paciente para, através de sua profundidade encontrar no espaço simbólico da relação, a atitude justa para acompanhar seu paciente no processo de individuação.

Referências

BESSION, J.; BRAULT, Y. **O Círculo Psico-Orgânico**. In BESSION, J. (Org). Manuel d'Enseignement de l'École Française d'Analyse Psycho-Organique, Tome 1, 2ª ed. Gargas: EFAPO, 1994, p. 35-91

BOADELLA, D. **Psicoterapia Somática: suas raízes e tradições**: Uma perspectiva pessoal. In KIGNEL, R. (Org). Energia e Caráter. São Paulo: Summus Editorial, 1997, p. 13-39.

BOYESEN, J. **Regressão e Simbolização**. In BESSION, J. (Org). Manuel d'Enseignement de l'École Française d'Analyse Psycho-Organique, Tome 7. Gargas: EFAPO, 2004, p. 293-315

BOYESEN, P. **Os fundamentos do Círculo Psico-Orgânico**. In BESSION, J. (Org). Manuel d'Enseignement de l'École Française d'Analyse Psycho-Organique, Tome 5. Gargas: EFAPO, 1999, p. 13-39

_____. **O Inconsciente é Situacional**. In BESSION, J. (Org). Manuel d'Enseignement de l'École Française d'Analyse Psycho-Organique, Tome 2. 2ª ed. Gargas: EFAPO, 1996, p. 12-35

_____. **O espaço intrapsíquico do Ser e o Mundo entre Nós**. In BESSION, J. (Org). Manuel d'Enseignement de l'École Française d'Analyse Psycho-Organique, Tome 7. Gargas: EFAPO, 1996, p.319-330



ROGGIA, Maria. O círculo psico-orgânico como referência para diagnósticos. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO, CONVENÇÃO BRASIL/LATINO-AMÉRICA, XIII, VIII, II, 2008. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2008. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-13-2]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br. Acesso em: ____/____/____.

BRAULT, Y. **Conceitos do P.I.T. Elementar**: Impulso Primário – Reação Secundária – Compromisso. In BESSON, J. (Org). Manuel d'Enseignement de l'École Française d'Analyse Psycho-Organique, Tome 1, 2ª ed. Gargas: EFAPO, 1994, p. 110-114

FRAISSE, A. **Manual de Ensino da Escola Francesa de Análise Psico-Orgânica**. O Círculo Psico-Orgânico. Rio de Janeiro: CEBRAFAPo, 2007

LOWEN, A. **Narcisismo**: Negação do Verdadeiro Self. São Paulo: Cultrix, 1993

REICH, W. **Análise do Caráter**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995

WINNICOTT, D. W. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988

Maria Roggia/RJ - Psicóloga; Formação em Análise Psico-Orgânica pela Escola Francesa de Análise Psico-Orgânica/EFAPO e CEBRAFAPo/RJ; Formação em Psicoterapia Somática pelo Synthesis/RJ; Especialização de Formadora pela EFAPO e CEBRAFAPo/RJ. www.cebrafapo.com.br
E-mail: mroggia@globocom.com